

A cidade do samba

Felipe Ferreira*



Foto: Marcelo O'Reilly de Miranda, 2006

Inaugurada antes do carnaval de 2006, a Cidade do Samba promete grandes modificações na expressão visual do desfile das principais escolas de samba cariocas. Entretanto, a ousadia que se cobra dos carnavalescos em suas criações parece não ter contaminado o conjunto de grandes galpões que passaram a abrigar os barracões das escolas.

Na verdade, desde as últimas décadas do século XIX, os principais agrupamentos carnavalescos cariocas já se utilizavam de galpões conhecidos como barracões para a construção de suas alegorias e adereços. Localizados, muitas vezes, próximo às sedes das agremiações, essas oficinas costumavam ocupar qualquer grande construção que pudesse abrigar o complexo conjunto de atividades ligadas à produção dos carros alegóricos das chamadas grandes sociedades.

Após seu surgimento, em 1928, as escolas de samba mantiveram-se, durante algumas décadas, como os grupos mais singelos do carnaval, apresentando, quando muito, uma alegoria muito simples decorada com flores, chamada de caramanchão. Foi durante a década de 1950 que as escolas de samba deixaram de ser vistas como manifestações produzidas exclusivamente pela criatividade popular para se tornar a grande atração do carnaval carioca, incorporando elementos das outras brincadeiras carnavalescas, como as grandes alegorias características das sociedades.

Desfilando no palco nobre do carnaval a partir de 1957 (na época, a avenida Presidente Vargas), as escolas de samba passariam a investir cada vez mais em seus elementos visuais. A produção das alegorias e fantasias começava a se organizar em diferentes fases. Essa especialização demandaria uma nova estrutura para o barracão que começava a se refletir em sua espacialização.

O crescimento em número e tamanho dos carros alegóricos fez com que a área do Porto do Rio de Janeiro fosse considerada a ideal para o estabelecimento dos barracões, tanto por sua relativa proximidade do novo espaço de desfile (o Sambódromo) quanto pela oferta de grandes galpões (os armazéns desativados após a decadência da região portuária).

Entretanto, apesar de bastante espaçosos e de sua boa localização, esses armazéns não eram o local ideal para a produção das alegorias e fantasias por não possuir a infra-estrutura necessária para sua nova função. A altura insuficiente do pé-direito, a largura acanhada dos portões de saída, a ausência de fiação elétrica e o próprio espaço em

* Felipe Ferreira é doutor em Geografia Cultural pela UFRJ e professor adjunto do Instituto de Artes da UERJ. Líder do Laboratório da Arte Carnavalesca, publicou diversos livros sobre carnaval e organizou eventos sobre o assunto no exterior e no Brasil.

torno dificultavam a construção e o deslocamento das alegorias cada vez mais volumosas.

Apontada como solução para todos esses problemas, a chamada Cidade do Samba, inaugurada em 17 de setembro de 2005 após dois anos de obras, ocuparia uma imensa área ociosa de 130.000m² na região da Gamboa, próxima ao Porto do Rio. A idéia que norteou o projeto, bancado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, foi a de construir 14 barracões para as escolas do Grupo Especial que cumpririam a função de espaço de trabalho e de área de lazer turístico. A forma irregular do terreno e a necessidade de que cada barracão tivesse duas entradas (uma, "social", para a rua externa, e outra, "de serviço", para uma grande praça central) fizeram com que muitos desses galpões tivessem disposições espaciais diferenciadas, causando alguns problemas quando da determinação de qual escola ocuparia qual barracão. O projeto, dos arquitetos João Uchoa e Victor Vanderley, procurou minimizar essa impressão através da uniformização das fachadas e da tentativa de harmonizá-las visualmente com os armazéns do antigo Porto. As facilidades internas, entretanto, seriam o ponto mais positivo de todo o projeto. Acostumadas à precariedade das antigas instalações, as escolas passaram a dispor de área total de 6.600m², divididos em quatro andares, com áreas para administração, almoxarifado, recepção, banheiros e refeitórios. As características mais marcantes, porém, seriam o andar superior (uma grande área 2.700m²) e o imenso vão para a construção das alegorias ocupando 2.100m² com pé-direito de 12m. Essa grande área tornaria possível que, pela primeira vez, os carnavalescos pudessem ter uma visão a cavaleiro da alegoria durante sua elaboração, o que causou notável crescimento visual das alegorias.

Por outro lado, a função turística do conjunto se manifestaria através da criação de uma grande praça central, ocupada por duas áreas para eventos cobertas por lonas tensionadas, por alguns quiosques de alimentação e, principalmente, por uma longa passarela percorrendo a parte externa de todos os barracões permitindo que visitantes possam observar o trabalho em processo através de grandes janelas e do acesso a uma varanda localizada na parte interna das construções.

A tensão entre a utilização do espaço da Cidade do Samba como área de atração turística e a necessidade das escolas manterem em segredo suas criações fez com que as visitas aos barracões se tornassem focos de grandes discussões.

É nessa tensão que se pode resumir o projeto da Cidade do Samba, criado para atender a interesses conflitantes. De um lado estão as escolas de samba, "donas" do espetáculo, que entendem esse novo

espaço como área de trabalho. Nesse sentido as novas construções parecem ter cumprido bem sua função de facilitar a montagem de grandes alegorias e abrir caminho para novas possibilidades criativas. Existem, por outro lado, os interesses da Liesa (empresa que reúne as grandes escolas de samba e gerencia o espetáculo dos desfiles), que vê o novo espaço – principalmente a área central e os barracões liberados pela diminuição do número de escolas no Grupo Especial – como oportunidades de gerenciar novos negócios e parcerias, tais como abrigar congressos, espetáculos ou mesmo um museu dirigidos ao turismo receptivo. Os interesses da prefeitura, por sua vez, ligam-se à revitalização da área do Porto, uma das metas políticas da atual administração municipal, encarando o conjunto de galpões como pólo de recuperação de uma região degradada.

Por outro lado, em que pese seu valor e sua importância política e cultural, a Cidade do Samba poderia ter-se tornado um marco não apenas nessas áreas, mas também na produção arquitetônica brasileira contemporânea. Ao optarem pela funcionalidade, os arquitetos deixaram de lado características de espetacularidade bastante marcantes na arquitetura contemporânea, cujo grande exemplo é o Museu Guggenheim de Bilbao. Um projeto visualmente mais criativo poderia agregar valor ao conjunto, situado numa área de grande visibilidade. Perde-se, desse modo, uma grande oportunidade de se criar uma nova marca visual para o carnaval brasileiro. Nesse sentido é curioso notar a discrepância entre a simplicidade da Cidade do Samba e os projetos da Cidade da Música (em execução) e do abortado Museu Guggenheim, duas obras de grande impacto projetadas por Christian de Portzamparc e Jean Nouvel, respectivamente.

O mundo do carnaval recebeu com grande regozijo o novo espaço, o espírito carnavalesco, entretanto, merecia projeto mais ousado.